

ASSIM FALARAM PHILLIS WHEATLEY E HONORÉE JEFFERS: UMA BIOGRAFIA POÉTICA E O TRAUMA CULTURAL DA ESCRAVIDÃO NORTE-AMERICANA

Adrian Clarindo¹

Nobody loves a genius child.
(Langston Hughes)

...and wasn't her ship a coffin?
(Honorée Fanonne Jeffers)

RESUMO: Exploraremos neste artigo a relação literária entre duas poetisas norte-americanas. Uma delas é a contemporânea Honorée Fanonne Jeffers que publica em 2019 um livro chamado *The Age of Phillis*. Como o nome diz, os versos todos aludem, imaginam, compreendem, buscam (e mais uma infinidade de verbos) a primeira poeta escravizada a ter um livro publicado no ocidente: Phillis Wheatley, em 1773. Elencamos e analisamos um poema de Fanonne Jeffers, exatamente aquele que leva o nome do livro, à luz dos aspectos de trauma, identidade, e memória, propostos por Ron Eyerman e Jeffrey Alexander. Iniciamos com uma breve explicação sobre traumas e identidades, e a entrelaçaremos com a questão da análise do poema, para desvelar Jeffers enquanto leitora de Phillis Wheatley e produtora de uma espécie de biografia poética. Ao final, esboçaremos ainda uma semelhança entre o ato de Fanonne Jeffers com o conceito de otobiografia de Jacques Derrida.

Palavras-chave: Phillis Wheatley. Honorée Fanonne Jeffers. Trauma Cultural. Escravidão Norte-Americana. Otobiografia.

ABSTRACT: In this paper, we explore the literary relationship between two American women poets. One of them is contemporary poet Honorée Fanonne Jeffers who published *The Age of Phillis* (2019). As the title implies, Jeffers verses allude to, imagine, understand, reach out to (and a myriad of more verbs) the first enslaved poet to have a book published in the West: Phillis Wheatley, in 1773. We have selected and analyzed one poem by Fanonne Jeffers, exactly the one that gives name to the book, in the light of the aspects of trauma, identity, and memory, proposed by Ron Eyerman and Jeffrey Alexander. We begin with a brief explanation of trauma and identity, interweave this with the question of the analysis of the poem to unveil Jeffers as a reader of Phillis Wheatley and producer of a kind of poetic biography. In the end, we also delineate the similarities between Fanonne Jeffers's act and Derrida's concept of otobiography.

Keywords: Phillis Wheatley. Honorée Fanonne Jeffers. Cultural Trauma. North American slavery. Otobiography.

¹ Email: adrianlink@gmail.com

Introdução

Este trabalho explora a relação entre duas poetisas norte-americanas: a contemporânea Honorée Fanonne Jeffers e a primeira poeta escravizada a ter um livro publicado no ocidente, isso em 1773, Phillis Wheatley. A obra de Jeffers, de 2019, *The Age of Phillis*, busca imaginar e ilustrar as circunstâncias em que vivia, e também sonhava, Phillis Wheatley. Aqui analisamos um poema de Fanonne Jeffers, homônimo do título do livro, à luz dos aspectos de trauma, identidade, e memória, investigados pelos pesquisadores norte-americanos Ron Eyerman e Jeffrey Alexander (2004). Iniciaremos com uma breve explicação sobre traumas e identidades, e lançaremos mão de uma análise do poema *Age of Phillis* para desvelar uma espécie de biografia poética que Jeffers constrói sobre Wheatley. Ainda, ilustraremos uma possível semelhança entre a leitura e produção de Fanonne Jeffers com o conceito de otobiografia do filósofo franco-argelino Jacques Derrida (1985).

1. A questão do trauma cultural e sua coletividade

Os termos “trauma” e “cultura” se ligam nas definições do norte-americano Jeffrey Alexander (2004) quando alguma experiência de dor vira algo moral, quebrando a barreira de um individualismo intransponível, e passando a figurar nos aspectos e padrões de um grupo social como um todo. Alexander explana a ideia de trauma cultural, tendo em mente o princípio de coletividade. Em livro sobre o tema, Alexander conceitua:

Um trauma cultural ocorre quando membros de uma coletividade sentem que foram submetidos a eventos horrendos que lhes deixam marcas indelévels na consciência como grupo, marcando para sempre suas memórias e mudando suas identidades futuras de forma crucial e irrevogável. (2004, p.1).²

Alexander, então, demonstra que a psique humana tem papel importante na construção de memória de eventos traumáticos. Tudo isso nos revela maneiras de como os eventos horrendos em si moram em um abstrato que só depois resulta em um trauma socialmente construído e que é, por vezes, paulatinamente recobrado sobre certos grupos. Tal ideia demonstra que o trauma coletivo pode rememorar mesmo algo que de fato nunca aconteceu à determinada fração de uma coletividade, mas que faz parte de um passado de suas gerações, e há algum tempo vive em um imaginário simbólico de dor moral.

O reconhecimento de pertencimento a uma comunidade que carrega signos de agruras pretéritas, ou seja, o entender de que há uma fratura não somente em um indivíduo, mas no grupo,

² Trata-se da obra *Cultural Trauma and Collective Identity*. A tradução é minha, como todas as demais ao longo deste artigo, e a passagem em questão, no original, é: “Cultural trauma occurs when members of a collectivity feel they have been subjected to a horrendous event that leaves indelible marks upon their group consciousness, marking their memories forever and changing their future identity in fundamental and irrevocable ways” (2004, p. 1).

se fortalece na construção de identidades coletivas e de seus imaginários. O que sobrevive dos eventos traumáticos do passado, como a escravidão de africanos, por exemplo, nos dias de hoje, não seriam somente os preconceitos e as desigualdades sociais, mas sim, um olhar de compreensão ao antepassado que busca significar a partilha de uma dor ainda que seja do não vivido. Este significar é também ressignificar, pois “identidades são continuamente construídas e asseguradas não somente ao se enfrentar o presente e futuro, mas também pela reconstrução de vidas anteriores de uma coletividade” (ALEXANDER, 2004, p. 22). Veremos como isso parece acontecer no poema – e no livro todo – de Jeffers numa busca não de uma simples reconstrução da voz de Phillis Wheatley, mas na busca através dos tempos do imaginário dessa voz.

2. O trauma da escravidão nos EUA

O pesquisador norte-americano Ronald Eyerman (2004), que estuda os temas do trauma e da escravidão americana, demonstra que a escravidão se torna traumática em retrocesso. O rasgo traumático no tecido social incluiria narrar suas bases e reconstruir-se atendendo ideais do presente e do futuro. E isso pode acontecer com novos olhares para o passado. Um exemplo disso seria a derrubada de estátuas de antigos causadores de injustiça, num ato simbólico de justiça feito por aqueles que não de fato vivenciaram os eventos traumáticos perpetrados pelos homenageados das estátuas, mas que talvez sofram suas consequências históricas, ou talvez apenas se comovam com os eventos ocorridos.³ Trazendo à baila muitas facetas de como a escravidão americana é abordada como um trauma coletivo, Eyerman demonstra em seu artigo (2004) detalhes interessantes sobre uma busca imaginativa do passado de horror vivido pelos negros nos EUA. Citando de Malcolm X a Toni Morrison, o que o autor parece compreender e explicar é que a visão sobre um passado, depois de muitas etapas, é algo reconstruído paulatinamente. Isso demonstra a busca por um senso de coletividade não só com os que são de seu tempo, mas sim, com as conexões humanas que já se foram. Há uma complicação em se encarar a escravidão e mesmo o seu fim como simples momentos históricos, tomados por naturais. Uma visão perscrutadora sobre os fatos pode revelar as relações abusivas que atravessam tais situações. O abuso também oprime, e traumatiza, mesmo os que não se dão conta que são oprimidos ou abusados. Certas prisões são tão bem feitas que por vezes não se sabe que se está preso, ou ao menos não se sabe a dimensão do aprisionamento. De qualquer forma, o trauma sempre sobrevive à sua nebulosa gênese: é o que parece ocorrer, por exemplo, com Honorée Fanonne Jeffers.

³ Uma matéria na revista Time, de junho de 2020, assinada por Suyin Haynes, relata o uso de locais de estátuas de traficantes escravagistas como pontos de encontro para manifestações antirracistas e mesmo para a derrubada de tais monumentos.

A poeta contemporânea busca compreender como Phillis Wheatley se sentiu em diferentes momentos de sua vida. A tentativa seria de sentir o que Phillis sentiu ou de sentir o que se imagina que ela tenha sentido. Não somente como artista, mas como a pessoa que à época já era em si uma imagem representativa de tantas coisas: uma mulher, uma africana, uma negra, uma escravizada, uma poeta. Não raro vemos Jeffers em filmagens na internet lendo seus poemas sobre e para Phillis Wheatley com tamanha atenção, vontade, e emoção que seus interlocutores vão às lágrimas⁴. Jeffers escreveu o livro durante 15 anos de estudo sobre Phillis. Essa relação que Jeffers tem com a vida, a obra e o campo das possibilidades nunca contadas de Phillis Wheatley pode encontrar certa explicação no que Eyerman elucida sobre o trauma cultural: seria algo que estaria “enraizado em eventos ou a uma série de eventos, mas não necessariamente na experiência direta com tais eventos” (2004, p. 62). O que Eyerman propõe é que o trauma, sua memória, e identificação seriam reconstruídos através de veículos de informação, e que essa lembrança coletiva seria sempre “mediada por narrativas que são modificadas com o passar do tempo, filtradas por artefatos culturais e outras manifestações, que representam o passado no presente. (2001, p. 14).⁵

3. E quem são Honorée Fanonne Jeffers e Phillis Wheatley?

Phillis Wheatley nasceu em região incerta, entre Gâmbia e Senegal, por volta de 1753. Foi a primeira poeta negra e escravizada a ter sua obra publicada nos Estados Unidos. Ela passou pelo trauma de ser capturada, retirada de sua família e país, chegar a uma sociedade escravagista, e ao escrever, ser colocada em dúvida. Teve de passar por um julgamento para provar que era ela a autora da sua obra. Ainda assim, seu livro, intitulado *Poems on various subjects, religious and moral*, de 1773, foi rejeitado por editoras nos EUA, só se conseguindo a publicação com abolicionistas de Londres, como nos informa seu biógrafo Vincent Carretta (2011). Depois de sua morte, por volta dos 31 anos, uma parte da crítica especula que Phillis não fez o suficiente pela ideia da dor coletiva oriunda da escravidão, pois, a poeta teria imitado os padrões e temas europeus, portanto, de seus opressores, em seus poemas. É o caso, por exemplo, do crítico de literatura Reid Pharr que afirmava que a obra de Wheatley “faz pouco em estabelecer uma especificidade negra, porque ela celebra a própria escravidão” (2017)⁶. A frase, nos diz Genova Cobb Moore, parte de uma má interpretação da voz dupla de Wheatley em seus poemas. Para Moore, Wheatley iria surgir como uma reformadora moral e social em um severo e restrito mundo colonial. Em sua poesia, diz

⁴ No canal Revolutionary Spaces na plataforma YouTube, em vídeo intitulado Looking for Miss Phillis, de 4 de fevereiro de 2021, há um exemplo.

⁵ No original, lemos: “(...) recollection is mediated through narratives that are modified with the passage of time, filtered through cultural artifacts and other materializations, which represent the past in the present.” (2004, p. 62).

⁶ É Pharr na própria obra de Moore: “her work does little to establish black specificity” because “she celebrates her enslavement”. (2017, p.4).

Moore, Phillis Wheatley “constrói sociopolíticas de uma maternidade cívica, do cuidado e do cultivo dos outros, fomentando assim um senso de comunidade.”⁷ (2017, p. 4).

Já Honorée Fanonne Jeffers é uma poeta negra contemporânea dos EUA, e professora na universidade de Oklahoma. Em 2020, ela escreve **Age of Phillis**, após ter pesquisado por anos a vida da escritora Phillis Wheatley. Os poemas de Phillis Wheatley Peters⁸, suas cartas, relatos sobre ela deixados, tudo vira ao mesmo tempo peça histórica, por sua pesquisa de campo, e adentra o universo do possível nos textos lançados por Honorée Jeffers. Jeffers parece querer deixar explícito o que Phillis Wheatley deixou em entrelinhas.

4. Um poema que busca

Há muitos artigos, a maioria nos EUA, comentando e extraindo dos versos de Wheatley uma crítica velada por trás de um aparente conformismo. Vejamos o poema de Jeffers a seguir (2020, p. 90-91) e a aproximação num voo temporal entre as duas mulheres, negras e estadunidenses, separadas por alguns séculos, mas ligadas por uma busca de enraizamento. Sobre o enraizamento, a filósofa francesa Simone Weil já teria afirmado: “Não possuímos outra vida, outra seiva, senão os tesouros herdados do passado e digeridos, assimilados, recriados por nós” (WEIL, 2001, p. 50. Sigamos com o poema:

The age of Phillis

How old was the child when she first laughed
in her master’s kitchen? She shouldn’t have
been eating at the table with the whites,

but Susannah might have flouted custom:
her woman’s heart soft. Tender. Unboiled meat.
When the child was very small, Susannah

might have brought her into the dining room,
sat her on a stool, placed plain crockery
on the child’s lap, engaged with her in English,

a caged music, but soon, that would end.
The child was enslaved: she’d need to learn of sin,
of Cain.—What was the time when she answered

⁷ Do original “In her poetry she constructs the sociopolitics of civic mothering, caring and nurturing others and fostering a sense of community (...).” (2017, p.4).

⁸ Após pesquisa, e notar que Phillis Wheatley, uma vez casada, adotou o sobrenome do esposo John Peters, Jeffers (2020) prefere chamar a poeta como Phillis Wheatley Peters.

to her new name? She would have stopped
saying those syllables in her own language,
My yaay didn't call me that. Enough

punishments—but hopefully, no whippings—
would have broken her boldness, the kissing

of teeth in imitation of her Nation.

When did she learn that white women
take care in this world, but black women
walk barefoot on glass? And what was the age

of Phillis when she stopped turning East,
thinking of water in faithful bowls,
of her parents,

of love only ending in death?
There is no such age. There never will be,
though a sister's mouth might tell you lies.

Honorée Jeffers inicia o poema fazendo perguntas sobre a idade de Phillis Wheatley. Ela tinha sete ou oito anos ao chegar aos EUA, e sabemos disso pois o que se narra é que lhe faltavam os dentes da frente, como nos alerta a sobrinha-neta da família Wheatley, Matilda Odell (1999), em obra de 1834 sobre Phillis Wheatley. Percebemos que Jeffers entende que uma criança, em certo desconhecimento de sua condição, teria distribuído sorrisos, mas ilustra o fato de o riso aqui ser na cozinha de seus proprietários. A lembrança que Phillis era uma escravizada percorre o poema.

Phillis não deveria nem estar em certos locais da casa junto de outras pessoas brancas, e aí vemos a paradoxal imagem de Susannah que nos é apresentada numa ambiguidade: a mulher, a possível e quase mãe de Phillis e ainda assim a sua dona. À mesa de jantar, então, a carne crua (*unboiled*), do coração de mulher faria que certos costumes fossem desobedecidos: a criança ainda ignorante de sua situação de escravizada vai ter seu lugar específico não só nos aposentos domésticos, mas também em uma nova conjuntura de vida. Até a louça lhe é preparada, e o momento crucial aparece ao ser abordada em inglês.

Vincent Carretta pode nos ajudar a enfatizar a confusão entre mãe e proprietária sobre a figura de Susannah, pois, segundo o autor, a escolha por uma escravizada criança como Phillis teria sido considerada uma escolha economicamente irracional (2001). E o que explicaria o fato seria o estado de luto do casal Wheatley pela filha Sarah, morta em 1752, aos sete anos de idade. Carretta alude a substituição de uma filha morta por uma criança viva, ainda que escravizada, pelo casal, confirmando que a ligação entre Susanna e Phillis Wheatley era psicológica e “ajudaria a explicar

extraordinária relação que todas as evidências sobreviventes indicam existir entre a senhora e sua escrava” (2001, p. 14).⁹

Para a criança, o mundo novo também significaria um idioma novo. Jeffers cria a imagem da língua inglesa como a música aprisionada e que aprisiona, e que faria Phillis esquecer sua própria língua. E por que música? Phillis, a poeta, chamaria muito de seus poemas como canções. Segundo o pesquisador Antonio T. Bly (2018), o uso da música por Phillis Wheatley traria à tona tanto a tradição de Boston (hinos religiosos) quanto sua tradição africana: para o povo Wolof da região da Senegâmbia, fala e canto seriam empregados para referenciar uma noção particular de história, memória, e identidade cultural. O início de certa inocência na relação entre o novo mundo e Phillis estava se rompendo.

Phillis ainda era uma escravizada. E isso significa também o cárcere de suas crenças. A menina vai aprender sobre o pecado cristão que já mora no seio de sua família e de seu novo país. O cristianismo vai também eliminar as crenças prévias de Phillis que estão ligadas aos versos da penúltima estrofe do poema de Jeffers. Odell (1999) comenta que Phillis não tinha preservado muitas lembranças de sua terra natal, mas que se recordava de a mãe despejar água antes do sol nascer. O fato pode revelar uma tradição africana e possivelmente, nos alertaria John C. Shields, no livro de Geneva Cobb Moore (2017), que os pais de Phillis eram adoradores do sol.

A ideia de Phillis vir a conhecer a ideia da religião e do pecado parece remeter diretamente ao poema mais famoso da poeta escravizada: *On being brought from AFRICA to AMERICA*. Neste poema, Phillis comenta sobre sua chegada ao novo mundo. É, então, que ela entende que há um “Deus salvador” uma vez que redenção ela não anteriormente buscava nem conhecia. E sua vivência aprendida dentro do cristianismo resulta num verso sobre Caim, cheio de ambiguidades, como é o poema todo. Os versos de 1773 (p. 18) são:

Remember, *Christians, Negros*, black as *Cain*,
May be refin'd, and join th' angelic train.

Acima, as duas palavras “Cristãos” e “Negros” se intercambiam como sujeitos e não há como saber exatamente quem deve se lembrar e quem são os negros como Caim. Por lógica de proximidade, podemos ter os Cristãos, *italicizados*, para que se lembrem que os Negros, *italicizados*, que são pretos como o também *italicizado* Caim. Caim é a personagem bíblica que mata seu irmão Abel e, condenado ao exílio, pede proteção a Deus que, então, dá a ele uma marca. Esta marca pode ser algo metafórico, mas outra interpretação, como nos conta a estudiosa de textos religiosos Eva Mroczek,

⁹ No original: “Such a psychological link between Susanna and Phillis Wheatley would help to account for the extraordinary relationship that all surviving evidence indicates existed between the mistress and her slave.” (2001, p. 14).

tem um perturbador legado racista: a ideia de que a marca de Caim é a pele escura. Embora nada na Bíblia sugira qualquer relação à cor da pele, o pensamento de que Caim foi amaldiçoado a ser negro - e de que os negros também são amaldiçoados - era comum entre os séculos 18 e 20. Juntando a crença de que o filho de Noé, Ham, foi amaldiçoado com a pele negra, e seus descendentes foram condenados à escravidão (com base em Gênesis 9: 20-25), a interpretação da marca de Caim foi empregada para justificar o comércio de escravos, e algumas denominações religiosas nos EUA a usaram para apoiar a segregação e a exclusão de afro-americanos de lideranças na igreja. (2021, s/p).¹⁰

O outro verso, que é último do poema, faz uso do verbo “refinar” que se liga a uma homofonia entre a palavra “Cain” e “Cane”. *Cane* pode ser uma vara, um instrumento de punição muito usado em escolas. A palavra também parece ser usada, pelo seu contexto, – o uso do verbo refinar – em seu sentido de cana de açúcar que, por sua vez, viria a aludir o trabalho comum nas fazendas onde trabalhavam os escravizados nos EUA. O açúcar tem uma cor mais escura quando em xarope, mais dourada quando cristalizada, e se torna branco quando refinado, ou seja, quando lhe são retiradas o que se considera suas impurezas¹¹. Percebemos que a crítica de Phillis Wheatley é sempre subversiva e usada através dos próprios estilos usados. A ideia deste pedido ao Cristãos especificamente não seria um acaso: é dentro do Cristianismo que Phillis conheceu a boa nova de que a sua cor é de alguma forma condenada. Refletindo sobre o poema de Wheatley, podemos nos perguntar: e se o sujeito do verbo *lembrar* fossem os negros? Aí, cristãos também poderiam ter um “final angélico”, como diz o último verso, mesmo que capturando e escravizando crianças. Ainda, há a possibilidade de um alerta: cristãos, negros como Caim, ou seja, africanos cristianizados, podem ter lugar no trem dos anjos que leva ao paraíso da vida eterna.

No poema de Jeffers, temos uma imagem sobre a primeira vez em que a menina Phillis respondeu ao seu novo nome, retirado da embarcação que a trouxe: Phillis. Um hábito comum era os escravizados receberem novos nomes de seus senhores que procuravam “apagar suas identidades pessoais africanas e redefini-los como objetos de posse” (CARRETTA, 2011, p. 15).¹² O nome novo da menina era Ihe estranho: Sua *yaay*, mãe em Wolof/Senegalês, nunca Ihe havia tratado daquela forma. Para os escravizados, responder aos seus novos nomes é, como diz o poema, não falar a sua própria língua. É compreender que o mundo novo é de mulheres brancas que se cuidam e de mulheres negras que caminham descalças sobre o vidro. E essa diferenciação de tom da pele se agarra ao conflito da identificação. Não se esquece ou não se deixa esquecer que na escravidão

¹⁰ Do original: “Another interpretation has a disturbing, racist legacy: the idea that the mark of Cain is dark skin. Although nothing in the Bible suggests it is related to skin color, the motif that Cain was cursed with blackness — and that black people are cursed as well — was common from the 18th and into the 20th century. Together with the more common motif that Noah’s son Ham was cursed with black skin and his descendants condemned to slavery (based on Gen 9:20-25), this interpretation of Cain’s mark was deployed to justify the slave trade, and some religious denominations in America used it to support segregation and the exclusion of African Americans from church leadership.” (2021, s/p).

¹¹ No portal sobre a associação americana de açúcar, www.sugar.org, há gráficos dos passos do refinamento de açúcar e explicações sobre os porquês das cores do açúcar.

¹² Do original: “Being renamed was one of many acts of deracination suffered by enslaved people of African descent as whites sought to erase their African personal identities and redefine them as property.” (2011, p. 5).

recente, que ainda deixa seus efeitos na sociedade das Américas, alguns nasciam escravizados e outros nasciam senhores. Em um universo separatista, ocorre uma construção de uma memória e da sensação de se fazer parte, mesmo que de forma imposta, de um dos grupos, e aí de se atentar a histórias desse mesmo grupo. A ligação entre Jeffers e Wheatley também conflituosamente repousaria no processo identitário e da busca por uma compreensão de sororidade racial. Diria Eyerman, em obra de 2001, que é importante ter em mente que

a noção de "afro-americano" não é em si mesma uma categoria natural, mas uma identidade coletiva historicamente formada, que primeiramente exigiu articulação e depois aceitação por parte daqueles a quem se destinava incorporar. Foi aqui, nessa formação de identidade, que a memória da escravidão se tornaria central, não tanto como experiência individual, mas como memória coletiva (p. 16).¹³

A viagem temporal que molda a consciência coletiva sobre os traumas faz com Jeffers note que Phillis foi involuntariamente jogada a mudanças abruptas no seu modo de viver. A menina, então, como diz o poema *Age of Phillis*, não poderia falar a sua língua nem continuar com seus trejeitos aprendidos de forma espontânea, como seria o ato de beijar seus próprios dentes.

E o que é beijar os dentes? Há artigos acadêmicos que abordam o ato que vem de uma raiz africana profunda e é carregado por toda a diáspora africana, e até mesmo a extrapola. Há exemplos desse ato em músicas populares, artigos em jornais e até vídeos no *YouTube*.¹⁴ Tanto em artigos acadêmicos como com a própria população nos vídeos, percebemos que se beija os dentes quando se está descontente com algo. Está aí algo que parece revelar bastante sobre os versos de Jeffers sobre Phillis. Talvez Phillis não tenha sido chicoteada, mas diferentes maneiras de punição cortariam suas asas e raízes, ou seja, quebrariam não somente qualquer ousadia da menina como também buscariam eliminar suas raízes com a África.

A irmã que diz o contrário sobre qual seria a idade de Phillis quando a menina deixou de ser quem era podem ser algumas pessoas: sua entre aspas mãe americana ou mesmo sua parente distante, e escritora de suas memórias, cujas visões de mundo são filtros ao estado da menina que um dia foi batizada como Phillis. Para Jeffers (2020), o questionamento sobre a idade de Phillis Wheatley é a lembrança de que estamos tratando, antes de tudo, de uma criança. Quando comprada,

¹³ No original: "(...) the idea of an African American was one result of this identity struggle. It is important to keep in mind that the notion "African American" is not itself a natural category, but an historically formed collective identity which first of all required articulation and then acceptance on the part of those it was meant to incorporate. It was here, in this identity-formation, that the memory of slavery would be central, not so much as individual experience, but as collective memory. It was slavery, whether or not one had experienced it, that defined one's identity." (2001, p. 16).

¹⁴ O canal do YouTube An ka taa explora a arte de beijar os dentes na cidade de Bamako, no Mali. E a censura ao ato ainda continua: o jornal *Telegraph* de 04 de junho de 2015 traz em suas páginas a notícia da decisão das escolas francesas de banir o "beijo dos próprios dentes". Encontra-se mais sobre o assunto, de forma acadêmica, em: Rickford, J. R., & Rickford, A. E. (1976). Cut-Eye and Suck-Teeth: African Words and Gestures in New World Guise. *The Journal of American Folklore*, 89 (353), 294-309.

Phillis Wheatley estava sem roupas, muito magra, e evidentemente sofrendo com a mudança do clima, como escreve Odell (1999). Pelo semblante, é muito provável que a futura poeta tenha sido vendida como refugio, visto a preferência por escravizados que fossem homens, ou mulheres mais robustas. Crianças pequenas eram tão renegadas neste espaço já tão renegado que bebês negros eram oferecidos a quem os quisesse, como diz um anúncio da Gazeta de Boston de 13 de julho de 1761: “Criança negra apta e saudável, por volta de um mês de idade, para ser doada”.¹⁵ E aquela criança era uma gênica. E o que se fez com a criança gênica foi ao mesmo tempo que lhe dar as chances de estudo de uma cultura ocidental e branca, assassiná-la enquanto pessoa africana: o que se faz com uma criança gênica? Langston Hughes, o poeta americano parece perguntar (1994, p. 198). E responde: “mata-se”.

Na relação entre as pessoas escravizadas e seus senhores, Eyerman citaria o controverso líder religioso Elijah Muhammad:

O senhor de escravos, ele te trouxe aqui, e teu passado todo foi destruído. Hoje, você não reconhece teu idioma. De que tribo você é? Você não reconheceria o nome da tua tribo se o ouvisse. Você não sabe nada sobre a tua verdadeira cultura. Você não sabe nem o nome da tua família. Você está usando um nome dado pelo homem branco! O branco, senhor de escravos, que te odeia. (2004, p. 109)¹⁶.

A partir de tais escritos, voltamos ao que Alexander e Eyerman (2004) nos ensinam: a reconstrução social dos traumas a partir de narrativas pode nos moldar identificações, pode nos enraizar, em um processo que responde aos nossos anseios de nos situarmos no mundo e na história, de nos descobrirmos, de camada a camada chegarmos mais perto de quem mesmo somos (2004). E também vislumbrarmos a resposta para a indagação de Alexander: o sofrimento dos outros é também o nosso? Jeffers parece dizer que sim.

5. Ouvindo uma biografia, produzindo outra

Uma palavra sobre o processo de Fanonne Jeffers ao ler e escrever sobre Phillis Wheatley é necessária. A tentativa não é de desvendar seus métodos, mas, sim, de fazer uma leitura de sua leitura e produção sobre Phillis, também já no ato de a ler e de produzir o presente artigo. E esta leitura nossa parte de outra: a de Derrida (1985).

Fanonne Jeffers escreve seus poemas por meio da leitura não apenas da obra de Phillis Wheatley, mas sim de sua vida¹⁷. Em um documentário em forma de áudio da BBC, Jeffers diria

¹⁵ Encontrado também na biografia de Carretta.

¹⁶ Do original: “Your slavemaster, he brought you over here, and your past everything was destroyed. Today, you do not know your true language. What tribe are you from? You would not recognize your tribe’s name if you heard it. You don’t know nothing about your true culture. You don’t even know your family’s real name. You are wearing a *white man’s* name! The white slavemaster, who *hates* you!” (2004, p. 109).

¹⁷ Fanonne Jeffers diz sobre a sua empreitada: “Eu li tudo o que pude encontrar sobre ela. Verifiquei livros da biblioteca, como a abordagem comovente e acadêmica de Katherine Clay Bassard sobre Wheatley (e outras mulheres

desta herança que constata com Wheatley, afirmando que no departamento da universidade onde trabalha, ela é “a primeira negra a ser professora efetiva na história”, e – continua – “não é um exagero dizer que foi Phillis Wheatley que fez isso ser possível” (2021). Esta captação e produção de um legado, em um sentido de se saber moldada por outra pessoa, a qual se lê, se assemelha a uma espécie de método que o filósofo franco-argelino Jacques Derrida traz enquanto leitor do filósofo alemão Nietzsche. Lançando mão do termo *otobiografia*, em um jogo de palavras, em que *oto*, do grego, remeteria a ouvido, o que Derrida busca é ouvir Nietzsche não apenas enquanto filósofo, nem como um estudioso ou cientista, mas, sim, além de suas máscaras, termo usado pelo próprio Derrida (1985).

E o ouvido, para Derrida, é um mistério que ouve e não se pode fechar. E ao ouvir a vida e a obra de Nietzsche, ele chega a várias ideias, e uma delas, que nos apetece aqui, é a que revela um ouvido que também é boca, que também produz. Logo, para ouvir e entender a voz e a assinatura de Nietzsche, então, é preciso também produzir. E este ato de recepção/produção pode ser executado com ouvidos atentos depois de uma vida e a sua conclusão. Derrida faz uma distinção entre o nome do indivíduo e a sua vida. Depois de terminada a vida, o que nos restaria seria um nome. E este nome não seria simplesmente uma assinatura. A assinatura, nos diz Derrida, não se restringiria a ser “apenas uma palavra ou um nome próprio no final do texto, mas a operação como um todo, o texto como um todo, o conjunto da interpretação ativa que deixou um traço ou um vestígio.” (1985, p. 52)¹⁸

Veamos que a busca de Fanonne Jeffers é ouvir a vida de Phillis Wheatley, a sua assinatura. Em *Age of Phillis*, no capítulo Procurando por Phillis, ela demonstra um rastreamento incessante sobre fragmentos sobre Phillis Wheatley. Ela encontra críticas a um suposto conformismo de Phillis Wheatley em sua forma de verso e conteúdo de escrita, e é aí que o processo de ouvir parece se iniciar com mais força. Colocando-se como uma mulher de seus então trinta anos, ela diz que

pensava na dor de uma menina ao ser arrancada de seus pais na África, e em seu trauma a bordo de um navio negreiro. Pensava na dor de sua mãe, imaginando o que havia sido feito de sua filha. Pensava sobre minhas próprias crenças e de outros negros em um Deus benevolente, a despeito de nossa história neste país, e da brutalidade decretada contra nós. (2020, p. 235).¹⁹

negras), Interrogatórios Espirituais: Cultura, Gênero e Comunidade na Escrita das primeiras Mulheres Afro-Americanas. Fiz o download de artigos acadêmicos e comecei a pensar profundamente no poema mais famoso (também infame) de Wheatley: "On Being Brought from Africa to America" (2020, p. 234).

¹⁸ No original: “(...) the signature is not only a word or a proper name at the end of a text, but the operation as a whole, the text as a whole, the whole of the active interpretation which has left a trace or a remainder.” (1985, p. 52).

¹⁹ No original, lê-se: “I thought about a little girl’s pain at being torn from her parents in Africa, and her trauma on board a slave ship. I thought of her mother’s grief, wondering what had become of her child. I thought about my own and other black folks’ beliefs in a benevolent God, in spite of our history in this country, and the brutality enacted against us.” (p. 235, 2020).

Ao ouvir e pensar sobre a vida de Phillis Wheatley, Honorée Fanonne Jeffers parece executar as ideias de Derrida. Percebamos que o título de Derrida é o ouvido do outro²⁰, o que nos remete não somente a ouvir o outro, mas também ouvir o que o outro ouviu. Assim, Fanonne Jeffers parte para uma recriação de uma biografia. Além de suas leituras, Jeffers viaja para Senegal, entra em contato com a cultura Wolof, viaja para Londres refazendo os passos de Phillis Wheatley. Alguém que queira escrever um livro sobre Phillis Wheatley, diria Jeffers, teria de conceber o fato de que ela tinha sido, e vinha de uma linhagem, livre na África. Sua vida não teria começado nos EUA nem dentro de um sistema de escravidão em que era ela a escravizada. (2020). Logo, Fanonne Jeffers vai recriar a vida de Phillis Wheatley. De poeta para poeta. Assim, escreve uma espécie de biografia em versos.

Introduzindo o documentário em áudio *Dear Phillis*, para BBC, a poeta somali-britânica Momtaza Mehri diz sobre Phillis Wheatley: “Você falou por uma causa, por um povo, por uma nação que te explorou. Desta vez, quero que você fale por si mesma” (2021). E como se deixa Phillis Wheatley falar por si mesma? Ouve-se, além de seus escritos, quem buscou desvendar e ouvir as entrelinhas de sua vida e obra, formando um ato que contém os meios otobiográficos derridianos e uma identidade calcada no legado de um passado transformador, no caso de Jeffers. Em uma distinção entre a compreensão social e histórica sobre a escravidão nos Estados Unidos da América, Eyerman apontaria que enquanto brancos podem vir a condenar a escravidão, os negros a encaravam “como uma condição social, uma experiência vivida, o que produzia um modo de vida distinto, uma cultura, uma comunidade e, finalmente, uma identidade” (2004, p. 77)²¹. Tal identificação coletiva, para Eyerman, afetaria não somente o passado, mas também o presente e as possibilidades futuras. Tendo a si mesma moldada por marcas coletivas, e também pela luta individual de Phillis Wheatley, a ação de Fanonne Jeffers não seria pintar uma voz que Phillis não teve, mas antes ouvir o que Phillis disse e o que Phillis foi, em suas variadas formas. À luz das teorias sobre o trauma, e a compreensão/produção auditiva proposta por Derrida, o que temos na interação de Jeffers com Wheatley, em uma sempre releitura de fatos passados que nos alteram as vidas presentes e nos constroem o que somos ou que nos enraízam, é o que o próprio analisado por Derrida, Nietzsche, já desconfiava – e seu Zarathustra parecia ter certeza – de que às vezes é preciso destruir nossos ouvidos, para que comecemos a ouvir com os olhos (NIETZSCHE, 1999).

Uma breve consideração final

A identificação da poeta contemporânea com a do passado permanece em estado de conflito, aceitação e permanente descoberta em um espaço de representação. Numa época em que a escravidão era amplamente aceita, haver uma poeta negra que seria publicada em jornais e

²⁰ A obra tem seu título inglês como *The ear of the other*, já uma tradução do francês: *L'oreille de l'autre*.

²¹ Do original: “Blacks viewed as a social condition, a lived experience, producing a distinct way of life, a culture, a community, and finally an identity. This collective identification affected not only the past and the present, but also future possibilities (...)” (2004, p. 77).

receberia atenção das classes mandatárias deixaria marcas na sociedade que seriam ressignificadas por olhos futuros. O contato entre as duas poetisas se dá também pelo símbolo que Phillis Wheatley representa: um certo triunfo perante um horror que permanece e que faz a poesia afro-americana contemporânea entender as opressões enfrentadas. Eyerman (2004) aludiria, entre algumas acepções, a escravidão como algo vivido e que ainda se vive, fazendo-se presente em diferentes formas dentro de uma coletividade, aqui a estadunidense, impossível de se ver como uma fase encerrada.

O trauma vivo é o que Jeffers parece aludir em seu poema e livro. A reflexão que chegamos é de que muitas vezes quando discutimos sobre grupos subalternos, pensamos sobre “dar” voz aos que não têm voz. O que pudemos perceber é que isso está apenas parcialmente correto. Simplesmente porque, em geral, o subalterno tem voz, e sempre teve. O que não teve foi alguém que o ouvisse ou que o fizesse ser ouvido. São ouvidos que faltam, não voz. E isso pode mesmo retirar certa passividade de uma dependência das minorias sociais perante majorias, desde que as próprias minorias podem se ouvir. Eyerman (2004) também comenta que inicialmente o grupo de leitores da escrita de escravizados nos EUA era predominantemente composto por brancos. O processo de autoria, representação e de identificação entre os negros nos EUA é algo que vem em um processo que ainda precisa de cada vez mais educação e ação. É preciso também construir ouvidos.

A figura do ouvinte faltante, como dito, vem a se encontrar com o método registrado por Derrida como ouvinte de Nietzsche que se assemelha ao de Jeffers para com Phillis Wheatley. Ora não pode ser a metáfora nietzscheana de Zarathustra dos ouvidos destruídos e olhos ouvindo o próprio ato da leitura? E com uma leitura que busca ouvir o não dito, seria possível compreender cada vez mais até mesmo os silêncios de escritos como os de Phillis Wheatley.

Referências

- ALEXANDER, Jeffrey, EYERMAN, Ron, GIESEN, Bernhard, SZTOMPKA, Piotr. **Cultural Trauma and Collective Identity**. California: University of California Press, 2004.
- BLY, Antonio T. **On Death's Domain Intent I Fix My Eyes: Text, Context, and Subtext in the Elegies of Phillis Wheatley**. *Early American Literature*, Volume 53, Number 2, pp. 317-341, 2018.
- CARRETTA, Vincent. **Phillis Wheatley: genius in bondage**. University of Georgia Press. 2011. Kindle Edition.
- DEAR PHILLIS**. Apresentado por Momtaza Mehri. BBC, 03 de outubro de 2021. Disponível em <<https://www.bbc.co.uk/sounds/play/m001078w>> Acesso em 04 de outubro de 2021.
- DERRIDA. **The ear of the other**. Estados Unidos: Schocken Books, 1985.
- DONALDSON, Coleman. **Teeth-sucking in West Africa: How and why? | Na baro kè 8**. Youtube, 24 de julho de 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=LNbYgCUAYnI>>. Acesso em 25 de julho de 2021.
- EYERMAN, Ron. **Cultural Trauma: Slavery and the formation of African American identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

- HAYNES, Suyn. **Monuments of Slave Traders, Genociders and Imperialists Are Becoming Flashpoints in Global Anti-Racism Protests**. Time, 9 de junho de 2020. Disponível em <https://time.com/5850135/edward-colston-statue-slave-trader-protests>. Acesso em 17 de julho de 2021.
- HUGHES, Langston. RAMPERSAD, Arnold (ed.), ROESSEL, David (ed.). **The collected poems of Langston Hughes**. New York: Vintage Books, 1994.
- MOORE, Geneva Cobb. **Maternal Metaphors of Power in African American Women's Literature from Phillis Wheatley to Toni Morrison**. South Carolina: University of South Carolina Press, 2017.
- MROCZEK, Eva. **Mark of Cain**. Disponível em https://www.bibleodyssey.org/en/people/related-articles/mark-of-cain#contrib_mroczek-eva. Acesso em 04 de julho de 2021.
- NIETZSCHE, F. **Thus Spake Zathustra**. Translated by Thomas Common. New York: Dover Publication, Macmillan, 1999.
- JEFFERS, Honorée Fanonne. **The age of Phillis**. Middletown: Wesleyan University Press, 2020. Kindle Edition.
- ODELL, Margaretta Matilda. WHEATLEY, Phillis.. **Memoir and Poems of Phillis Wheatley, a Native African and a Slave. Dedicated to the Friends of the Africans: 1753-1784**. Electronic Edition. Academic Affairs Library, UNC-CH. University of North Carolina at Chapel Hill, 1999. Disponível em <<https://docsouth.unc.edu/neh/wheatley/wheatley.html>> Acesso em 10 de julho de 2021.
- REVOLUTIONARY SPACES. **Looking for Phillis**. YouTube, 4 de fevereiro de 2021. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=NKLPextj5JQ&t=845s>>. Acesso em 22 de julho de 2021.
- WEIL, Simone. **O Enraizamento**. Tradução: Maria Leonor Loureiro. Bauru: EDUSC, 2001.
- WHEATLEY, Phillis. **On being brought from AFRICA to AMERICA**. Disponível em <<https://digital.library.sc.edu/blogs/rbsc/category/phillis-wheatley/>> Acesso em 25 de junho de 2021.
- WHEATLEY, Phillis. **Poems on various subjects, religious and moral**. 1773. [electronic text]. Disponível em <<https://www.gutenberg.org/cache/epub/409/pg409.txt>> Acesso em 25 de junho de 2021.